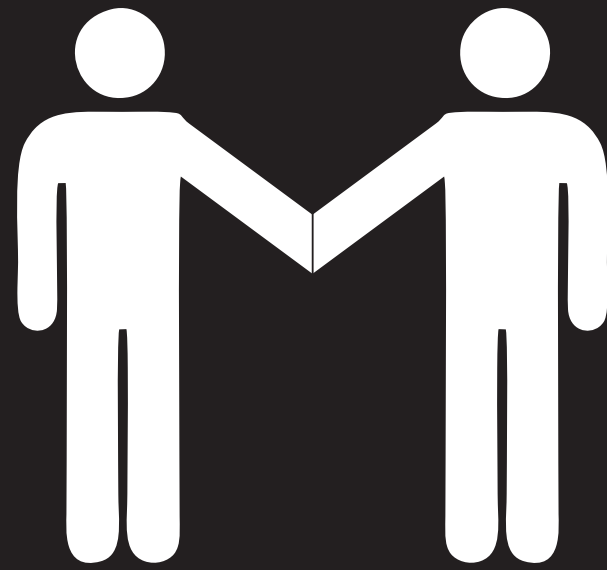


MANIFESTO

#1

**Hugo Pullen - Danfa - Alexandra Martins - Kazuo Okubo
Emília Silberstein - Artur Cavalcante - Davi Arauto - Laerte**





A quantidade é maior do que se pensa.
A violência também. Basta de sangue.

LETRAS DAVI ARAUTO

ENTÃO É ISSO. SOU ESTA LETRA,
TANTO FAZ SE L, G, B OU T,
ENTRE TANTAS OUTRAS EXISTENTES.

É DIFÍCIL ACEITAR QUE POSSO SER MORTO EM
NOME DE PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E, ÀS
VEZES, ATÉ EM NOME DE DEUS.

MORTO POR SER ESTA LETRA? SERÁ QUE
DEUS QUER ME VER MORTO? SE ELE EXISTE,
ELE ME ESCREVEU ASSIM. OU SERÁ QUE
TANTAS LETRAS ESCOLHERIAM SER DESTE
JEITO QUE AS FAZ DISCRIMINADAS?

POIS NESTE CÓDIGO, SOMOS MUITOS OS
PARCIALMENTES EXCLUÍDOS, OU, ÀS VEZES,
ATÉ TOTALMENTE EXCLUÍDOS. TODO ANO SOMOS
MORTOS (260 NO BRASIL, APENAS NO ANO
PASSADO) POR TERMOS CARACTERÍSTICAS
QUE NÃO SÃO ACEITAS PELOS OUTROS.

ALGUNS DE NÓS TENTAM IGNORAR ESTA
CARACTERÍSTICA. SE ANULAM, NEGAM PARTE
INTRÍNSECA DE SI E TENTAM MUDAR. PORQUE
O PRECONCEITO É GRANDE E A PRESSÃO,
MAIOR AINDA... MAS, ORAS, FOMOS
ESCRITOS DESTA FORMA! AINDA ASSIM, A
QUANTIDADE DE ADOLESCENTES QUE COMETEM
SUICÍDIO POR ESTE MOTIVO É ASSUSTADORA.

NÃO SEI SE ESTE DEUS ME ODEIA, MAS AS
PESSOAS, SIM. NÃO SEI SE NASCI ASSIM,
MAS SINTO COMO SE TIVESSE NASCIDO, POIS
NÃO ME LEMBRO EM QUE MOMENTO ME
DERAM A CHANCE DE ESCOLHER EM
QUAL POSIÇÃO NO ALFABETO EU ESTARIA.

POR QUE NÃO PODE HAVER BS, TS, LS, GS?
QUE REGRAS ESTRANHAS PARA UM
MUNDO QUE TAMBÉM COMPARTILHAMOS.

SERÁ QUE REALMENTE FAÇO MAL AOS OUTROS?
OU SERÁ QUE SÃO ELES QUE ME FAZEM MAL?
SE SOU EXCLUÍDO, É PORQUE, POR ALGUMA
RAZÃO, NÃO SOU BEM VINDO AQUI.

TENHO UMA CARACTERÍSTICA QUE É APENAS
CARACTERE. E POR CAUSA DELA, MEU LADO
HUMANO É IGNORADO. SOU VISTO SOMENTE
LETRA, E PASSÍVEL DE SER DELETADO.

O PROBLEMA MAIOR NÃO É SER ESTA LETRA.
ISTO É SOMENTE DETALHE. O QUE
REALMENTE INCOMODA É NÃO ME SENTIR
ACOLHIDO PELO RESTO DO ALFABETO.
POIS TODOS SOMOS LETRAS. MAS ALGUMAS
AINDA INSISTEM EM SER LETRAS LETROFÓBICAS.

Índice

MANIFESTO

escrito
Davi Arauto

ensaio
Emília Silberstein

internacional
Artur Cavalcante

estandarte
Alexandra Martins

A B C D E F G H I J K L M N O P Q R S T U V W X Y Z

Silenciar é
ser cúmplice!
Hugo Pullen

entrevista
Laerte

urbano
Danfa

afeto
Kazuo Okuzo

sugere

Editoria

A MANIFESTO é uma publicação que busca maior igualdade e respeito aos direitos LGBT. A revista não tenta se impor contra quem discorda com sua linha de raciocínio. Mas exige da sociedade coerência e justiça em uma nação democrática que defende igualdade e a não existência de preconceitos entre seus membros. A distribuição da MANIFESTO é gratuita e ninguém é obrigado a aceitá-la. Mas ela aparece de boa vontade a quem deseja se informar mais sobre o tema.

Contando com textos de Davi Arauto, fotos de Emília Silberstein, Alexandra Martins, Artur Cavalcante e Kazuo Okubo, montagens de Hugo Pullen e tirinhas do renomado cartunista Laerte, a organização da MANIFESTO lança sua primeira edição com muito orgulho e acredita na força e na proposta deste projeto, sempre torcendo por mais e mais números. A revista é colaborativa, ou seja, para a próxima edição você pode mandar o seu texto/arte/trabalho e ser mais uma voz ativa na luta por uma sociedade igualitária e diversa.

A MANIFESTO não nega a importância de outras manifestações ou projetos defendem a mesma causa. Acredita que junto a estas outras frentes, como Paradas do Orgulho, Ongs, programas Governamentais e Educacionais e investimentos no Mercado, também está contribuindo para um mundo melhor, onde a diferença não seja apenas respeitada, mas comemorada.

Para isso a Manifesto vale-se da arte, expressão humana considerada sublime, para expor seus conceitos e idéias. Assim, por meio da crítica na arte, a Manifesto celebra e defende a vida. Porque celebrá-la é fazer arte. E fazer arte é se MANIFESTAR.

MANIFESTO

Colabore
Divulgue
Multiplique
imprima
Crie

revistamanifesto@gmail.com



SILENCIAR

HOMOFEBIA

E

VIOLÊNCIA

SER

CRIME

CÚMPLICE



40 notícias compõem esta arte. Nenhuma delas aparece 2 vezes. Já a história, sempre se repete.

Artes e Montagem: Hugo Pullen. Fotos: Hugo Pullen e Emília Silberstein

Fotos de Emília Silberstein com inspiração na obra *Os Amantes*, de Renee Magritte.







LAERTE

quadrinhos
www.laerte.com.br
manualdominotouro.blogspot.com
murieltotal.zip.net

Aos 60 anos, e mais de 40 de trabalho, Laerte é modelo de inspiração para muitos. Seu trabalho é reconhecido nacionalmente, inclusive por veículos como Folha de São Paulo e canais como Rede Globo, e é fonte de um humor irônico considerado genial por muitos. Recentemente o artista se assumiu cross-dresser. Em uma rápida entrevista, ele conta para a MANIFESTO um pouco de suas experiências.

Laerte, seu trabalho já é reconhecido há muito tempo. Já nos anos 70, trabalhava com outros grandes nomes como Henfil, Angeli e Glauco. Você teve personagens de grande repercussão, como os Piratas do Tietê, Overman, Deus e fez textos para Sai de Baixo e TV Colosso. De repente, quando mais se começa a ouvir seu nome na mídia é porque se assume cross-dresser. Como você vê essa situação?

Meu trabalho nunca foi assim "de grande mídia" - sempre fui tido como cabeçudice, acho. Já o assunto "homem que se veste de mulher" é altamente explosivo, polêmico, provocador etc. Embora a minha intenção de base seja apenas dar atenção ao meu desejo particular. Tenho tentado submeter minhas aparições em publicações e em tevê à possibilidade de debate do tema. Não é muito simples - várias vezes caí em armadilhinhas.



Escoceses vestem saias há anos, sem que ninguém se sinta incomodado. Será que falta uma gaita de foles para você ser visto como normal? Há um grande rebuliço em cima da quebra de um código social de gênero. Qual o lado bom e o lado ruim do excesso de exposição pela questão de se vestir como mulher?

O problema não é a saia-enquanto-saia, claro. É o código de gênero. Experimente, numa aldeia tradicional na Escócia, desafiar o padrão pra você ver. Não sei direito sobre lados bons e ruins. Acho que o lado bom é levantar um debate, ou desmascarar certas atitudes, ou trazer à luz um desejo que parece ser de muito mais gente que se imagina. O lado ruim é ficar sendo perguntado a toda hora - "porquê?" Mas nem sempre é ruim. Algumas perguntas eu gosto de fazer virar conversa.

Foto: Lena Coutinho

No momento em que você apareceu como travesti na mídia, alguns veículos se revoltaram e pararam de publicar suas tiras. Se antes eles pareciam ter um posicionamento alinhado ao seu ao publicá-las, a situação pareceu mudar com esta mudança e manifestação de revolta. Como você encara a tomada da nova posição deles? E como tem sido a repercussão em sua vida desde que assumiu seu lado cross-dresser?

Deixa eu corrigir. Nunca disse que alguns veículos pararam de publicar minha tira por conta da minha prática travesti. Isso aconteceu bem antes, por causa da mudança de rumo no meu trabalho. E acho que esses veículos têm razão no seu argumento. Eu mudei mesmo, a tira não é mais a mesma e eles têm direito a preferir suspender a sua compra. Nunca quis forçar ninguém a me publicar - nem conseguiria, claro. Quanto à repercussão da minha travestilidade, continuo mais ou menos espantado com ela. Mas creio que já está se reduzindo e "virando normal" - como se não tivesse sido até agora...



baseado em foto de Zanon Fraissat. © LAERTE

Dentro da sua obra, sempre houve uma incrível diversidade de personagens. Esta infinidade de tipos urbanos – como em Piratas, O Condomínio, entre outros - abarcou e explorou diferenças entre as pessoas. Sendo alguém experiente em trabalhar com diferenças, como você enxerga o atual momento do Brasil, em que há um cabo de guerra na luta pelos direitos de LGBTs?

Nunca me atribuíram uma "infinidade" de tipos urbanos - agradeço! Não sei, entretanto, se concordo com essa atribuição. Criei alguns tipos, sim - movido pela dinâmica da linguagem com que trabalho. Também não tenho certeza de que tenha tido uma visão muito lúcida em relação às diferenças e à diversidade. Muitas vezes a necessidade de produzir uma piada, de provocar o riso, me levou ao grande baú dos preconceitos e das ideias sumárias - o que não é nada incomum no terreno do humor. Ultimamente (de quanto "último"?) tenho sentido desconforto e impaciência com esse terreno do humor, pra ser franco. Acho que, particularmente no caso da cultura brasileira, ele serve muito bem ao propósito tradicional de disfarçar nossa intolerância, à ideia falsa de que somos o paraíso da liberalidade e da harmonia sobre a Terra. Essa ideia é especialmente perversa porque implica em dificuldades na mobilização da população quando a questões como os direitos civis no que se refere a orientação sexual e de gênero. Quando se trata de organizar a Parada do Orgulho Gay, funciona. Mas fora daí é bem mais difícil.



Em diversas entrevistas, você se revelou bissexual. Uma reclamação dos que fazem parte desta parcela da população é viver em fogo cruzado, sofrendo preconceito tanto por parte de homossexuais quanto de heterossexuais. Enquanto bissexual, você já se sentiu no meio desta guerra? Como é ser bivolet em uma sociedade que pede ou o preto ou o branco?

Verdade, isso: erra quem supõe que o bissexual tem perspectivas duplicadas de gozar. Muitas vezes acontece o contrário, e nem sempre por conta de portas que se fecham, senão por seu próprio desnorreamento e aflição. Além disso, a bissexualidade não se manifesta necessariamente em dinâmicas simétricas, em igualdade de condições para cada possibilidade. Muitas vezes as relações com um dos sexos funciona como biombo para as com o outro. O problema está em se conhecer, se aceitar e se respeitar - não no tipo de orientação que se tenha. Gostaria de acrescentar que a classificação de orientações em vigor apresenta muitos inconvenientes. O principal deles é induzir a um enquadramento nem sempre verdadeiro - o sistema como que "escolhe" por você. "Sou homossexual ou heterossexual?" - a pessoa só conta com uma via de fuga, que é a bissexualidade. Sendo que essa seja, talvez, a orientação mais frequente na humanidade. Nos anos 50, Kinsey propôs uma escala de orientações da sexualidade, onde os seres humanos se distribuem num gradiente de 7 possibilidades (fora a possibilidade "asexual"), do homossexual exclusivo ao heterossexual exclusivo. Essa proposta faz pensar num enorme número de possibilidades intermediárias - talvez a maior parte dos indivíduos. O fato de que tradições culturais imponham códigos morais, em períodos determinados, não "resolve" a natureza real do desejo de cada um.

O trabalho do cartunista geralmente é permeado de críticas e denúncias. Seu trabalho é considerado genial por muitos de seus leitores. Você faz parte da geração que viveu a ditadura, foi afiliado de partido político, chegou a iniciar um curso de Comunicação Social e demonstra em sua obra uma vivência de formação crítica e a necessidade das pessoas se inserirem como cidadãos. É possível notar momentos em sua obra permeados por posicionamentos sobre alguma questão ou viés militante?

Eu entrei na USP naquilo que se chamava ECC - Escola de Comunicações Culturais. Uns anos depois passou a ser ECA - E. C. e Artes. Entrei no PCB nesse período, em 73. Não tenho como fazer um resumo preciso do que aconteceu, mas, de um modo geral, o envolvimento do meu trabalho para a linguagem engajada sempre produziu resultados mais insatisfatórios, pra mim. Mesmo que tenham tido significado no contexto em que foram produzidos ou que essa insatisfação tenha se feito sentir muito tempo depois. Até hoje é assim: em determinados momentos sinto vontade de entrar num assunto de forma mais objetiva e opinativa - mais engajada -, mas são só alguns momentos. Preciso voar mais solto.

Sua personagem travesti Hugo/Muriel é uma das que mais tem sido trabalhada ultimamente; segundo suas recentes entrevistas, é porque o tema lhe interessa. Em determinado momento da tira, a personagem morre em um ataque homofóbico, ou, mais especificamente, transfóbico. Você tem alguma vivência de transfobia? Como enxerga e se relaciona com esta violação dos direitos humanos?

Hugo/Muriel é uma das únicas personagens com que trabalho (a outra é Lola, a andoninha). Eu a mantenho porque me interessa como espaço de reflexão da minha vida atual. Mas até ela apresenta esse "risco"-engajamento. Em vários momentos me vejo compelido a puxá-la de volta ao eixo do voo livre. Um desses momentos foi o ataque homofóbico, com a sua morte, ascensão ao mundo dos espíritos e reencarnação. Pretendia fazer denúncias, discussões sobre cultura de gênero, educação etc. - mas senti que a personagem estava perdendo substância. É a dialética, fazer o quê? De resto, vivo o ambiente da transfobia brasileira na sua ponta mais amena e gentil.

O fato de ser reconhecido como artista me garante um tratamento cheio de alegre estranhamento, na pior das hipóteses. A maior parte dos contatos é de franco apoio. Muito ao contrário do que vivem as travestis em todas as ruas da cidade, em todos os estados do Brasil. Tenho procurado, em entrevistas, deixar claro que o respeito que as pessoas sentem por mim deve ser estendido a toda a população transgênera. Mas não é uma tarefa muito simples. Prevalece a ideia preconceituosa de que travestis são "sem-vergonhas" e necessariamente prostitutas.

Você começou a se travestir já próximo aos 60 anos de idade. Para muitos, isto é uma demonstração de coragem, auto-afirmação, transgressão e um ato político ao mesmo tempo. Com certeza você já passou por muitas coisas, opiniões negativas já não o atingem mais tão facilmente. Você gostaria de deixar algum recado pela busca de uma sociedade com menos preconceito e que receba melhor a diversidade?

O fato de que ter começado aos 60 (e profissionalmente reconhecido) também pode ser lido de uma forma menos nobre - como a auto-complacência de alguém que já cumpriu o "papel de macho" (casamento heterossexual, filhos etc.) e se permite - finalmente! - ouvir o seu desejo, a sua natureza. Nesse sentido é quase o contrário de "coragem". Gostaria que as pessoas pudessem viver seus desejos profundos, sua natureza, desde crianças - que os jovens encontrassem espaço para se expressar quanto a vocação, gênero, sexualidade, espiritualidade, sem imposições e restrições. Que fossem amados e respeitados em suas famílias, em sua vizinhança, em suas escolas, em seus trabalhos. Essa é a minha lista.

Fotos de Alexandra Martins

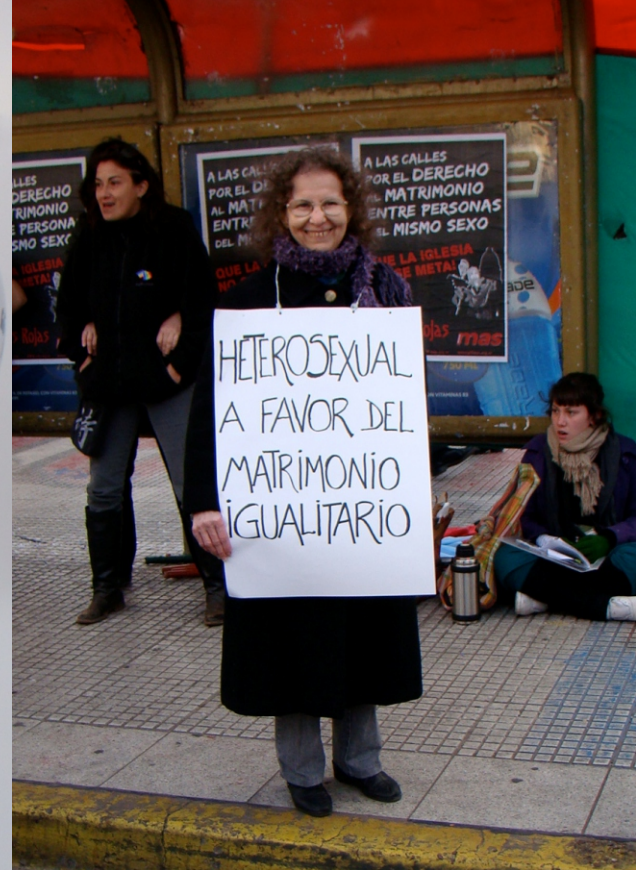




Registros de arte urbana. Estêncis flagrado na 309 e 310 Sul. Artista: Danfa. Fotos: Hugo Pullen



«Dia da votação pela união civil na Argentina. Tinha um monte de gente reunida em frente ao Congresso, entre militantes e religiosos. As pessoas continuaram ali, em vigília, até as duas da manhã quando a lei foi finalmente aprovada. A gente não aguentou tanto, essas fotos foram tiradas no fim da tarde, por volta das 17h.»



Sem fazer distinção entre os diversos tipos de casais, o fotógrafo Kazuo Okubo organizou a exposição Eu te Amo, com diversas fotos dos pares nus em momento românticos. "A fotografia revela as pessoas como elas são em sua forma mais pura. Esses casais querem eternizar um momento de carinho e paixão", explica. "Eu te Amo apresenta o amor na sua forma mais pura: sem obrigações, ditames morais ou convenções da sociedade. A exposição é composta de fotos sensuais de 27 casais voluntários "despidos de preconceito", completa. Esteve exposta de 3 a 19 de junho no Brasília Shopping.





SEAN PENN MI NOMBRE ES HARVEY MILK

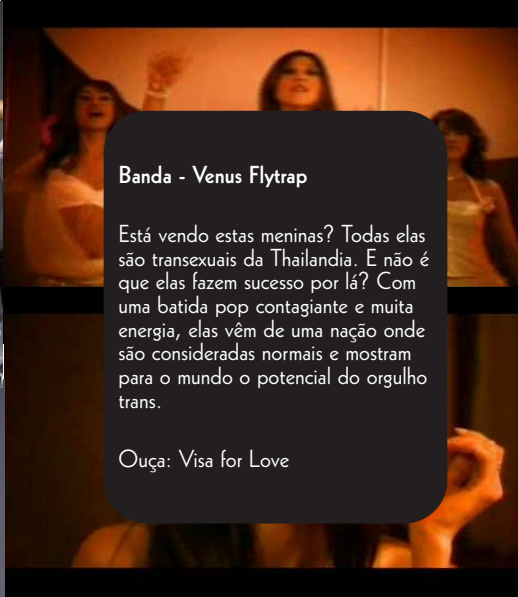
EMILE HIRSCH JOSH BROLIN DIEGO LUNA Y JAMES FRANCO



Filme - Harvey Milk

A história do ativista gay Harvey Milk, interpretado por Sean Penn. O primeiro ativista norte-americano assumido a conquistar um cargo político, assassinado por um concorrente que não aceitou a derrota nas eleições. Um pouco de história faz bem!

Frase: «Não se vive apenas de esperança, mas sem esperança não vale a pena viver»



Banda - Venus Flytrap

Está vendo estas meninas? Todas elas são transexuais da Tailândia. E não é que elas fazem sucesso por lá? Com uma batida pop contagiante e muita energia, elas vêm de uma nação onde são consideradas normais e mostram para o mundo o potencial do orgulho trans.

Ouça: Visa for Love



LETICIA TEIXEIRA XBCAJIKH
IJOKU SELMA REGINA BWZCK
KAIO MAIA JHUNTY NEMILIA
SILBERSTEIN ZS ALEXANDRA
MARTINS XWHM HBWN ARTUR
CAVALCANTE ABYILHJHJML
AERTE HJM DAVIARAUTO SHJ
KUKDJ HUGO HENRIQUERHJK
LIRODRIGO RODRIGUES DJ
AGRADEÇO A TODAS AS LET
RAS QUE SE UNIRAM, APOIAR
AM, AJUDARAM, COMPREEND
ERAM, OU, QUE DE OUTRAS F
ORMAS, AJUDARAM A
A EXISTIR.



MANIFESTO